

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

MILENA COSTA DA SILVA

**DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA FERRAMENTA PARA
O ENSINO.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

MILENA COSTA DA SILVA



**DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA FERRAMENTA PARA
O ENSINO.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA Orientador: Prof. Me. André Sandmann

MEDIANEIRA

2012



TERMO DE APROVAÇÃO

Titulo da Monografia

Por

Milena Costa da Silva

Esta monografia foi apresentada às 9:40 h do dia 01 **de dezembro de 2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ótimo.

Prof.Me.André Sandmann
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof^a. Esp. Camila Menoncin
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho aos meus pais Raimundo e Oreni que acreditam em mim, a minha irmã e eterna companheira Airam, ao meu namorado Rafael que me apoiou e esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais Oreni e Raimundo, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor *Me. André Sandmann*, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Quando o homem compreende sua realidade pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. (PAULO FREIRE)

RESUMO

SILVA, Milena Costa. Disciplina no contexto escolar: uma ferramenta para o ensino. 2012. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

Esta pesquisa busca momentos de estudo, reflexão e crítica acerca da temática disciplina e indisciplina no contexto escolar, que envolve o ensino e a aprendizagem. Visto que a indisciplina tem sido fortalecida nas últimas décadas nas escolas brasileiras, prejudicando a qualidade de ensino. Assim foi conduzida a construção de uma pesquisa estruturada sobre o seguinte questionamento: Como a disciplina pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental? Objetiva-se com este estudo examinar o aporte teórico sobre a importância da disciplina para o processo de ensino e aprendizagem. Acredita-se que a construção desta pesquisa é fundamental para uma educação melhor. A revisão de literatura que este trabalho está pautado se dividida em três momentos, nos quais busca-se respostas para a questão que desestrutura a educação. Num primeiro momento conceitua-se disciplina, indisciplina, bem como a relação existente entre as mesmas, com o objetivo de uma melhor compreensão sobre o assunto proposto, para mais tarde melhorar as estratégias de ensino. Em seguida, busca compreender melhor as causas da indisciplina e sua relação com o processo de ensino. Objetiva-se, refletir sobre os caminhos percorridos, aperfeiçoando, num outro momento, os mesmos. O último momento, busca reunir proposta dos estudiosos para amenizar essa questão, que desestrutura a educação com o objetivo de ajudar o educador no aprimoramento de suas estratégias de ensino. Acredita-se que estudos como este podem ajudar a amenizar a indisciplina no processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Disciplina, Indisciplina, Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

SILVA, Milena Costa da. Discipline in the school context: a tool for teaching 2012. 37 Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

This research seeks moments of study, reflection and critical analysis of the thematic discipline and indiscipline in the school context, which involves teaching and learning. Since indiscipline has been strengthened in recent decades in Brazilian schools, undermining the quality of education. So was led to the construction of a structured research on the question: How discipline can influence the process of teaching and learning in elementary education? The objective of this study was to examine the theoretical basis of the importance of discipline to the process of teaching and learning. It is believed that the construction of this research is key to a better education. The literature review that guides this work is divided into three moments in which searches for answers to the question that disrupts education. Initially conceptualized discipline, indiscipline and the grating between them, with the goal of a better understanding of the subject proposed, later to improve teaching strategies. Then seeks to understand better the causes of indiscipline and its relationship to the teaching process. It aims to reflect on the paths taken, perfecting, another time the same. The last time, the proposal seeks to bring together scholars to mitigate this issue, which disrupts education in order to help the educator in improving their teaching strategies. It is believed that studies like this can help alleviate the indiscipline in the teaching and learning.

Keywords: Discipline, Indiscipline, Teaching and Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA.....	12
2.2 DEFININDO AS CAUSAS DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA.....	19
2.3 RESPOSTAS PARA AMENIZAR ESSAS QUESTÕES.....	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina no contexto escolar representa um dos principais fatores que prejudicam a qualidade de ensino. Esse fator vem se agravando nas últimas décadas nas escolas brasileiras, e apresenta uma das dificuldades mais comuns enfrentadas pelos professores no processo de ensino.

Dessa forma, tornou-se comum, muitos professores apontarem o comportamento do educando como um forte elemento desestruturador do processo de ensino e aprendizagem. Segundo eles a indisciplina impede que resultados melhores e mais concretos sejam conquistados em sala de aula.

Analisando estas questões, foi conduzida a construção de uma pesquisa estruturada sobre o seguinte questionamento: Como a disciplina pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental?

Acredita-se que a construção dessa pesquisa é importante para algumas melhorias na metodologia em sala de aula. Nos últimos anos tem-se discutido muito sobre os caminhos percorridos e os que ainda devem ser percorridos para alcançar uma educação melhor, mais comprometida e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa e democrática.

Objetiva-se com esse estudo examinar o aporte teórico sobre a importância da disciplina para o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, bem como entender melhor a suas bases conceituais e as possíveis origens do problema da indisciplina que afeta a qualidade da educação. Para isso será fundamental conceituar disciplina, indisciplina e aprendizagem, para avançar na compreensão de como essas forças se conjugam no campo da educação. Ao final, busca-se reunir os caminhos apontados pelos teóricos para amenizar e entender as principais influências do tema indisciplina na relação do processo de ensino e aprendizagem.

Uma pesquisa dessa natureza consolida sua significação ao fomentar momentos de estudo, reflexão e crítica acerca da temática disciplina/indisciplina, promovendo, simultaneamente, o intercâmbio de informações e experiências entre leitores e estudiosos dessa área, para o final, por meio do poder do conhecimento, apontar caminhos possíveis de serem trilhados rumo à transformação.

Para um melhor desenvolvimento dessa monografia procedeu-se a revisão de literatura, a qual busca-se reunir propostas dos estudiosos para a questão que desestruturam a educação, com o objetivo para esse fim, com o apoio de todos os

autores presentes na pesquisa, os quais foram reunidos, para retratar suas respostas e argumentos finais acerca da temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA

Para que o trabalho em sala de aula melhore é necessário que a harmonia prevaleça no ambiente escolar, havendo um bom relacionamento entre aluno e professores. Para que isso aconteça é necessário que os alunos sejam disciplinados. Nesse contexto acredita-se que a disciplina é um conjunto de regras que deve seguir no grupo para que um determinado trabalho possa ocorrer e render e, com isso, criar pessoas capacitadas a viver melhor em comunidade.

Segundo Candu (1988) a disciplina é encarada como uma adaptação a normas e regras que devem ser respeitadas para o “bom” convívio grupal e para que a aprendizagem ocorra. Sendo assim, o aluno precisa se adaptar as tais normas, pois muitas vezes ele não é acostumado a seguir normas e então acontece o conflito na escola. Quando o aluno não consegue entender e seguir tais normas, atrapalha o convívio do grupo e conseqüentemente a aprendizagem pode ser comprometida.

É importante lembrar que em se tratando de disciplina existem vários elementos envolvidos, para que a mesma ocorra com sucesso deve haver uma junção de professor, aluno e ambiente.

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos: professor, aluno e ambiente (TIBA, 1996, p.99)

Considerando as características de cada um dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, professor, aluno e ambiente, o professor é responsável pela

disciplina em sala de aula, portanto ele precisa ter facilidade para se comunicar, cabe a ele coordenar o grupo de alunos e identificar as dificuldades, encaminhando a aprendizagem. O comportamento do aluno também é peça-chave para o sucesso da aprendizagem, ele precisa estar ciente do que está fazendo, e do porquê está estudando. O ambiente também interfere na disciplina, pois salas barulhentas, com o calor insuportável, com pouca iluminação ou com carteiras muito juntas, fica muito difícil conseguir uma boa disciplina, portanto o ambiente deve ser agradável para obter uma boa disciplina em sala de aula.

Para Antunes (2002), a melhor maneira de conceituar disciplina, seria conceituando indisciplina.

Uma classe indisciplinada acreditamos, é toda aquela que: não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento do seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; Não ofereça condições para que os professores possam “acordar” em seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania (ANTUNES, 2002, p.9)

Nessa definição pode-se observar que a sala de aula que apresenta barulhos, conversa descontextualizada com o conteúdo desenvolvido pelo professor, desinteresse, discussões, falta de objetivo de vida, alunos desmotivados, esses fatores impedem que o professor desempenhe seu papel e suas ações pedagógicas, portanto essa classe é considerada indisciplinada. Porém não se pode dizer que a sala de aula disciplinada é aquela que apresenta silêncio entre os alunos, uma sala de aula que os alunos conversam, interagem, essa sala não pode ser considerada indisciplinada, cabe ao educador utilizar essas características como “ferramentas”, levando os alunos a discutir e interagir com o professor e colegas, encaminhando assim os alunos a aprendizagem.

Para aprofundar a discussão sobre disciplina e indisciplina no contexto escolar é necessário analisar o histórico da educação brasileira, e refletir como a disciplina era conceituada.

A disciplina, em sua forma tradicional, obtinha a obediência por meio de castigos corporais. A maioria dos colégios existentes no início do século XIX, era dos jesuítas. A disciplina era tão rigorosa que os jesuítas mestres recebiam no primeiro

dia de aula um chicote, que significava uma “missão disciplinadora”. As pancadas não podiam ser no rosto ou na cabeça. E sempre eram dadas na presença de duas testemunhas. Além dos chicotes, davam cascudos, cocorotes, palmadas puxões de orelha, beliscões, que eram mais fortes ou mais ardidos, dependendo da “arte” ou do humor dos mestres. Punham crianças ajoelhadas horas seguidas em grãos de milho e por último as terríveis palmatórias de vários tipos, quem escolhia era quem batia (ALENCAR, 1991).

Os jesuítas preocupavam-se muito com a hierarquia e as disciplinas nas aulas. Tal como nas escolas européias medievais, a hierarquia e a disciplina – inclusive os castigos corporais – eram consideradas educativas por si próprias, além de facilitar o ensino. O objetivo era desenvolver nos alunos o senso de responsabilidade, a solidariedade de grupo e a obediência a autoridade (ALENCAR; CHICO, 1991, p.28).

Os alunos que conseguiram terminar o curso eram considerados talentosos e quando tinham recursos iam para outros países, faziam cursos superiores de Filosofia, Teologia, Direito ou Medicina, mas sempre orientados pelos padres jesuítas.

Assim, o Brasil ia sendo formado por uma pequena elite com pouco conhecimento e atividades técnicas, pois a época não se dava atenção ao ensino profissional. Essas crianças tinham um ar de tristeza, eram acanhadas, humildes e pareciam adultos, antes mesmo de completar doze anos.

Não foi a toa que viajantes europeus que estiveram no Brasil espantavam-se, até mesmo no século passado, com a tristeza de muitos meninos, o ar acanhado e humilde das meninas, a sem gracie de ambos (ALENCAR; CHICO, 1991, p.27).

As pessoas pobres e analfabetas eram consideradas pela elite como pessoas que não tinham “disciplina” em suas vidas.

Essa disciplina de obedecer e ser submisso prejudicava a personalidade das pessoas, levando-as a submissão da autoridade constituída, inicialmente do professor e posteriormente essa submissão era levada para o mercado de trabalho, tornando as pessoas treinadas para receber ordens e para pensar e criar coisas novas. Com esse sistema, a escola cumpria seu papel exigido pela elite pensante da

sociedade, em criar pessoas preparadas para obedecer, mas com mudança de pensamento, a escola passou a não mais exercer esse papel, uma vez que o mercado cada vez mais competitivo desejasse profissionais que fizessem a diferença, que fossem talentosos, coisa que a escola ainda não consegue.

No Brasil império, o Colégio Caraça, em Minas Gerais, tornou-se famoso pela sua disciplina severa. Com o passar dos anos, mudou-se a visão de disciplina, não aos olhos da pedagogia, mas também da sociedade (BENTON, 1972).

Com a modernização dos sistemas educacionais, a disciplina tornou-se um processo positivo e dinâmico. Não é mais submissão, porém estímulos e apelo aos melhores sentimentos. E, sobretudo subordinação a princípios, ordem condicionada aos interesses do indivíduo e do grupo, visando a responsabilidade e a autodireção, atendidas as limitações das crianças e do adolescente (BENTON, 1972, p. 158).

Acredita-se que a disciplina é um conjunto de regras que devem ser seguidas, para que a harmonia aconteça no ambiente e conseqüentemente no grupo para que um determinado trabalho possa ocorrer e render.

O tema disciplina vem sendo discutido em todas as tendências, desde a época de Comênio apud Candu (1988). O mundo vai evoluindo e a questão disciplina também, ela nunca é esquecida, pois dela depende o ensino e a educação.

Candu (1988) argumenta que na abordagem tradicional exemplificada por Comênio (Séc. XVII), a escola, tem como função, disciplinar seus alunos de acordo com a ética e a religião. Segundo Comênio (Séc XVII), pessoas moralmente educadas desenvolvem o gosto pelo ensino acadêmico favorecendo sua aprendizagem.

Na tendência renovada, representada por Carvalho (1984), Mattos (1971) e Crisi (1988) apud Candu (1988) a disciplina, ou seja, as normas e as regras, deverão ser definidas pelo próprio grupo (aluno e professor). Acredita-se que assim, o interesse e participação nas atividades geram disciplina, tornando a relação mais amigável entre professor e aluno, uma vez que as normas e regras foram elaboradas por todos, e todos se comprometeram a cumprí-las.

Na tendência comportamentalista, Gnagey (1970) apud Candu (1988) aponta o professor como responsável pela disciplina em classe, ou seja, de sua atuação

depende o bom funcionamento da turma. Esse autor defende que sustentado por uma boa técnica o aluno desiste ou não da má conduta, mas se ao mesmo tempo, o professor não possuir uma boa atuação, o aluno tornar-se-á ainda mais indisciplinado, prejudicando totalmente o bom funcionamento da turma.

Pode-se perceber que de acordo com as tendências, o tema disciplina, muda em alguns aspectos, mas em nenhum momento, ela é ignorada em relação ao ensino.

O tema disciplina se amplia, na visão de Guimarães (2004) quando afirma que o conceito de disciplina/indisciplina é um tanto ambíguo, de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, do outro pela dinâmica de seus grupos internos que estabelecem rupturas e permitem trocas de ideias.

Guimarães (2004) argumenta que as escolas também produzem sua própria indisciplina, acrescenta que é preciso aprender, na ambiguidade desses fenômenos, seus modos específicos de manifestação. Ou seja, de um lado estão os alunos que sempre obedecem, que para eles está tudo bem, mesmo não concordando, obedecem, pois faz parte das regras da instituição praticar a submissão, o não questionamento por culturas adquiridas anteriormente. Esse tipo de comportamento cria pessoas sem criatividade, sem ideias próprias e que são totalmente treinadas para obedecer, seja qual for a situação apresentada. Isso pode levar esse indivíduo a obedecer, mas não concordar, tornando-o indisciplinado, através de boicote, ou outros tipos de comportamento inadequado ao que foi concordado.

Não é meu objetivo valorizar esteticamente a violência, nem defender uma escola sem regras, mas apontar a existência de uma lógica interna aos fatos que ofereça uma pista para encontrarmos alternativas pedagógicas de negociação com os conflitos (GUIMARÃES; AUREA, 1998 p.3).

A indisciplina está ocorrendo no ambiente escolar, portanto deve-se procurar motivos para esse comportamento. Existem escolas que estão planejadas para que as pessoas sejam todas iguais, pois essa igualdade é exercida por mecanismos disciplinares. Essa disciplina que se impõe, por exemplo, no modo como são partilhados os espaços, gera uma ação que explode na indisciplina. Se o professor ou a escola reprimir demais, maior será a indisciplina dos alunos ou do grupo.

Também pode-se dizer que professores sem plano de aula definidos, sem objetivos claros a serem trabalhados, podem gerar frustrações e promover a rebeldia tumultuando o ambiente escolar, causando indisciplina e prejudicando o aprendizado de todos os envolvidos no processo.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Provocar o professor pode ser apenas uma alternativa, uma saída encontrada para quem não tem objetivos claros e definidos, talvez um alerta, para que o mesmo se organize, mas esse alerta pode ser interpretado de maneira errada, como uma situação criada pelo aluno. Visando prejudicar a atuação do professor e dos demais alunos (TIBA, 1996).

Os problemas de relacionamento, as brigas entre colegas, as famosas disputas no tapa são indisciplinas presenciadas em sala de aula. De acordo com Antunes (2002) tudo o que não permite que o professor desenvolva sua atividade, que não oferece condições e não permita que o professor trabalhe os conteúdos planejados desenvolvendo a construção do conhecimento, é uma forma de indisciplina escolar. Acredita-se que muitas vezes os distúrbios não existem exclusivamente em relação aos colegas, mas não têm como objetivo tumultuar a aula, ou até provocar o professor. Não deve se esquecer que em uma sala onde o ambiente é de muito barulho, onde ninguém ouve ninguém, excessivamente quente, e desconfortável gera indisciplina.

Os autores mencionados, como Alencar, Benton, Candu, Guimarães e Tiba colocam a disciplina como fator indispensável para a aprendizagem. Tanto, que esta pesquisa está sendo discutida, pesquisada, aprofundada em disciplina/indisciplina. Acredita-se que essa influência ocorra não só na aprendizagem, mas no dia a dia das pessoas, e na sociedade de um modo geral.

Ao imaginar uma sociedade sem disciplina, sem normas claras e sem objetivos comuns, não haveria entendimento entre as pessoas, com seus comportamentos mais diversos, seria impossível viver harmonicamente na sociedade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Artigo 53 estabelece que a educação visa para o preparo da cidadania. Cidadania essa, que atualmente, não pode ser concebida de forma restrita, onde somente a participação política por meio do voto, a visão é muito mais ampla, atualmente cidadania requer um cidadão que conheça e lute por seus direitos e que tenha acima de tudo consciência de suas obrigações, de seus deveres.

Lembrar e fazer lembrar em, alto e bom tom, a seus alunos e á sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação do exercício da cidadania. E, para ser cidadão são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relação interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos (LA TAILLE, 1999, p.28).

Na própria definição da disciplina os autores a relacionam com aprendizagem, como elemento essencial para obtenção de novos conhecimentos e melhores condições para se conviver, portanto pode-se dizer que a disciplina e aprendizagem caminham juntas, mas não se pode esquecer que sala disciplinada não significa sala quieta, sem participação dos alunos nas atividades, pois nessas salas de aula, onde os alunos não participam, provavelmente, teremos problemas de aprendizagem.

Muitas vezes os alunos que apresentam-se quietos em sala de aula podem estar sem interesse pelo assunto, e nessa situação não estarem aprendendo o conteúdo. Portanto para uma sala de aula ser disciplinada, os alunos não precisam ficar todos sentados sem conversar, questionar e se movimentar.

Um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta se movimenta, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar, que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares. (REGO, 1996, p.87)

A sala de aula que apresenta conversas entre os alunos, que trocam ideias sobre o conteúdo, e que todos estão interessados no assunto, não pode ser considerada uma sala indisciplinada, pois é através da troca de ideias e comunicação que atingi-se o aprendizado. Portanto, pode-se afirmar que

professores que entendem a disciplina como silêncio em sala de aula, poderão estar equivocados, e que ao forçar a turma para esse tipo de comportamento, estarão prejudicando o aprendizado do aluno. Esse conceito de disciplina e indisciplina é bastante complexo, e não se pode chegar a conclusões com apenas algumas informações ou mero achismo.

2.2 DEFININDO AS CAUSAS DE INDISCIPLINA EM SALA DE AULA.

Os motivos que levam a indisciplina são os mais variados possíveis. Uma delas é que a vida é cheias de mudanças, de transformações. Essas mudanças muitas vezes transformam a sociedade, a educação de um povo. É inútil atribuir a indisciplina uma causa única, uma vez que diversos fatores influenciam e provocam a indisciplina nas escolas.

Pode-se notar, como primeira causa da indisciplina, o conflito entre pais e escola. Dentro desta perspectiva, mães por exemplo, que antes ficavam em casa, somente com o trabalho doméstico, hoje as crianças ficam em casa com os avós ou muitas vezes ficam sozinhas. Essa mudança da família está sendo dividida com a escola. E esta por sua vez, não está preparada para tal.

Não adianta a escola atribuir a educação de seus alunos aos respectivos pais, nem os pais exigiram da escola tal função. A situação é conflitiva e temos de ajudar a resolvê-la, para o benefício de uma geração. Pois a educação virou uma "batata quente" que ninguém quer segurar (TIBA, 1998, p.15).

Outra causa a ser considerada, são as características pessoais e relacionais. Segundo Tiba (1996), uma das causas da indisciplina, são as características pessoais. Essas características são os distúrbios psiquiátricos, neurológicos, mental, de personalidade, neuróticos, etc. Esses distúrbios decorrem de alterações que fogem ao controle e são mais fortes do que as normas ditadas pelo ambiente. Se o professor pede, o psicótico interpreta, como uma perseguição e reage muitas vezes com violência. Já os maníacos não conseguem ficar em silêncio, pois não

conseguem controlar sua agitação psicomotora. Os neuróticos quando o professor pede silêncio, respondem que o professor não é seu pai e que não manda nele. Na verdade esse aluno não vê a presença do professor e sim a do pai, no qual é todo projetado como uma figura autoritária. Enquanto esse aluno não resolver esse problema com seu pai, sempre reagirá assim.

Na presença de distúrbios psiquiátricos provém de uma psicose (maníaca-depressiva, esquizofrenia, etc.) e independem do meio. O psicótico elabora qualquer estímulo recebido conforme sua patologia e reage de forma inadequada (TIBA, 1996, p. 118).

O professor deve estar atento a tais elementos para compreender o aluno e conseqüentemente saber o que se pode esperar dele, e quando necessário, encaminhar o problema à direção ou à orientação para que esse aluno receba um tratamento adequado. Depois de encaminhado esse aluno, a escola, deverá acompanhar esse tratamento, uma vez que foi ela quem detectou o problema, portanto, ela tem mais condição de avaliar do que a própria família.

Para Tiba (1996), as características relacionais são mais difíceis de se diagnosticar, pois são condicionadas por estímulo e resposta. E muitas vezes não se sabe quem estimulou as brigas. Quanto menos integrado ou mais frágil psicologicamente estiver o aluno, mais problema irá encontrar na convivência escolar. A proteção do professor prejudica menos o aluno frágil do que deixá-lo exposto a agressões desnecessárias na escola

Segundo Tiba (1996) a distorção da auto estima também é uma das características relacionais muito sérias e que tem aumentado muito. É aquela criança que pais tratam como príncipe em casa e lhes servem o tempo todo. Esse aluno acaba perdendo o limite, acha que tudo é para ele, não respeita as pessoas e nem os bens alheios. Tiba (1996) afirma que é importante que a escola defina bem suas regras em relação aos problemas relacionais, para que fique bem claro ao aluno, ao professor e também aos pais, caso contrário, essas regras com o passar dos tempos podem perder sua credibilidade.

A escola mudou, e o professor também. O professor anda confuso com tudo aquilo que vem acontecendo com ele, com a escola e com a sociedade.

Há uma profunda mudança na relação Escola – Sociedade e parece que não nos demos conta suficientemente disto. Nossa perspectiva é compreender para superar e não para cair no saudosismo (“como as coisas eram melhores “antigamente”, “ no meu tempo...”)(VASCONCELOS, 1999,p. 22).

Na verdade essas pessoas misturam um passado saudosista ao medo e a prevenção quanto ao futuro. Não percebem que não se pode educar para o futuro com esse olhar constante voltado ao passado mitificado.

O reflexo da pobreza é uma causa muito comum. Ouve-se sempre que a indisciplina é o reflexo da pobreza, da violência do meio de comunicação, especialmente da TV. Essa visão coloca os alunos como retrato de uma sociedade injusta, opressora e violenta. A escola por sua vez é vítima de uma clientela inadequada Antunes (2002).

Outros até atribuem a culpa pelo “comportamento indisciplinado” do aluno à educação recebida dos pais. Muitas crianças têm criação totalmente autoritária, apanham e por esta razão não conseguem viver em ambientes democráticos. Ou ainda, que a maior parte dos alunos vem de lares desestruturados, com pais separados e por isso são tão agressivos ou que até mesmo a indisciplina está ligada à falta de interesse dos pais pela vida escolar dos filhos.

A escola novamente se isenta de uma revisão interna, já que o problema está fora do domínio dela. Ou no caso do aluno que é assim mesmo, já nasceu assim, sempre foi terrível ou que o problema está na natureza de cada um, e conseqüentemente a escola não tem nenhum poder para mudar esse comportamento. La Taille (1999) assevera que é impossível negar a importância da educação familiar e o inato de cada criança, porém o professor não deve aceitar como algo determinante e irreversível. O educador deve conceber estes antecedentes como ponto de partida e, principalmente, fazer uma análise profunda dos fatores responsáveis pela ocorrência da indisciplina na sala de aula.

Outra causa a ser considerada, é o aluno que Aquino (1998) retrata como “aluno problema”. Um bom exemplo da justificativa do “aluno problema” se traduziria em um enunciado parecido com este: “Se o aluno aprende, é porque o professor ensina, se ele não aprende, é porque não quer ou apresenta algum tipo de distúrbio, de carência”. Mas é algo estranho e contraditório para os profissionais da área

educacional que explicam o sucesso escolar como produto da ação pedagógica, e o fracasso escolar como produto de outras áreas, que não a escola e a sala de aula.

Na verdade, os tais “alunos-problema” pode ser tomados como ocasião privilegiada pra que a ação docente se firme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional. O que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema, para que se possa, na medida do possível equacioná-la, suplanta-la o que se oportuniza a partir das demandas “difíceis” da clientela (AQUINO; GROPPA, 1998, p.3).

Se entender o fracasso escolar como efeito de algum problema individual, é estar se isentado, de uma responsabilidade sobre nossa ação profissional. Não se pode esquecer o que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema, para que se possa, na medida do possível, resolvê-la.

Os meios de comunicação também são considerados uma das causas da indisciplina. Eles em sua maioria, só se preocupam com o comércio dos produtos que pagam para suas propagandas serem veiculadas, e com isso, acabam só formando consumidores vidrados por consumir o produto anunciado. Quanto maior for o volume das vendas atingidas com a propaganda, mais perspectivas de uma nova campanha, aumentando os lucros dos meios de comunicação. Segundo Garcia (2002) “os meios de comunicação não se preocupam com os valores da infância, distanciando os jovens e crianças cada vez mais, de atitudes que ajudariam na disciplina da escola e da sociedade”. Assim, novamente a escola joga a culpa nos meios de educação e se isenta da responsabilidade do educando.

Outra causa de indisciplina muito interessante são os focos da indisciplina, Antunes (2002) compara a indisciplina na escola como um incêndio na mata. Raramente o foco é único, pois, quando se queima um ponto, alcançam-se outros, tornando-se difícil de apagá-los.

De acordo com Antunes (2002) o primeiro foco de indisciplina é a própria escola, pela não integração e união de sua equipe docente e administrativa. A escola não deixa suas regras explícitas, não possui um canal de comunicação, entre alunos, pais, orientadores e professores. Dessa forma, ela produz uma comunicação falha, sem objetivos claros e definidos, deixando que cada qual procure entender da maneira que melhor lhe beneficie.

A escola adota planejamentos pedagógicos repetitivos, que não são mudados, embora muitos falem, mas nada digam, de nada contribuem para o aprendizado. O planejamento falho, que somente é repetido ano a ano, não acompanhou a mudança pelo qual passou a escola e os alunos, e por isso, acaba contribuindo para gerar indisciplina.

A escola é, indiscutivelmente, um foco de indisciplina, muitas vezes, por sua organização interna, por seus sistemas e sanções, pela não integração e união entre sua equipe docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida, mas sobre tudo pela ausência de clareza como encara a questão disciplinar (ANTUNES, 2002,p. 19-20)

Antunes (2002) afirma que o segundo foco de indisciplina são os professores, que muitas vezes são mal preparados, mal remunerados, apáticos, desinteressados e desanimados. A direção da escola deve incentivar que os mesmos se renovem, preparem-se e que tenham coragem de enfrentar e buscar transformação. Os que não seguirem esse caminho devem ser substituídos por outros que estejam interessados em desenvolver suas atividades e contribuir para a melhoria da escola.

Alguns professores possuem posturas que conseqüentemente levam a gerar indisciplina em sala de aula, um exemplo é aquele professor que chega atrasado, portanto ele leva os alunos a não estarem no momento correto em sala de aula, outros professores não preparam suas aulas, assim os alunos a não se preocupam com suas atividades. Segundo Antunes (2002) professores que não se preocupam com a indisciplina ou não sabem lidar com a mesma, levam os alunos a não terem limites e a não compreenderem até onde podem seguir. Portanto o professor deve seguir os horários da escola, organizar suas atividades em sala de aula, não deixar os alunos sentarem onde quer com mochilas no caminho, pois a desordem é um fator que gera indisciplina em sala de aula.

Para Antunes (2002) o terceiro foco é assustador e terrível, transforma-se em intenso e preocupante, mas com soluções previsíveis, e que estas devem ser adotadas, antes que o problema se manifeste.

O terceiro foco de indisciplina são os alunos, pois se os dois primeiros focos não foram apagados, então logo a chama se espalha atingindo um terceiro grupo, e ficará mais difícil de se apagar esse incêndio.

Uma das causas muito criticada é a família do aluno. Alega-se que a família não está cumprindo sua tarefa de estabelecer limites e de desenvolver hábitos básicos. Segundo Vasconcelos (1994), percebe-se que há muitas famílias desestruturadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola, etc. Porém, não se pode pensar, que só problemas de família são os motivos da indisciplina na escola, pois vários fatores estão também relacionados, e as mesmas mudanças e dificuldades das famílias, são também de outros, como a escola e a comunidade.

Ao nosso ver, ao procurarmos entender o que está passando com a família, poderemos entender muito do que está acontecendo com a escola e com muitos professores, já que tudo está relacionado, qual seja os “problema de família”, não se explicam por si mesmos. Além disto, esta compreensão poderá nos ajudar a estabelecer um relacionamento menos acusativo com os alunos e suas famílias, possibilitando uma autêntica busca de assumir as responsabilidades respectivas, superando o famigerado “empurra-empurra” (VASCONCELOS, 1999, p. 22)

Acredita-se que a disciplina é menos causa e mais consequência das políticas pedagógicas do ambiente escolar. Pode-se afirmar que as atitudes tomadas pelos educandos e pela escola influenciam diretamente no comportamento do aluno. Por essa visão, pode-se colocar que se fosse encontrada uma estrutura com mais diálogo e mais união de comportamento e de conteúdos, poderia ter com o resultado uma maioria de alunos mais interessados e mais voltados a seguir tendo respeito para com os professores, alunos e escola. Assim, poderia gerar uma situação favorável para o surgimento natural da disciplina e, conseqüentemente, as causas elencadas de indisciplina teriam vida curta, contribuindo assim para a harmonia entre todos os envolvidos.

A disciplina seria o resultado do diálogo e da experiência pedagógica compartilhada para além dos muros escolares. Ao professor, caberia explicar a função da escola, valorizando-a como instrumento de ensino. Comprometido com os valores da escola democrática, ao professor caberá não só a competência técnica, mas a vivência coletiva da ordem, expressa por atitudes de respeito ao aluno, crença no diálogo e incentivo a participação (CANDU, 1988, p. 128).

Verdadeiramente, a indisciplina, não tem uma única causa. Deve-se então tentar rastreá-la para assim detectar essas causas, e então tomar uma atitude, que precisa ser coerente, constante e conseqüente, e o que é mais importante, precisa do aval de todos os professores. Outra causa bastante relevante, é a crise que atinge todos os setores do Brasil, e atinge também a educação, que por suas características é a mais afetada. Devemos lembrar então que um país que não cuida de sua educação, está condenando seu futuro. Não se pode falar de escola, sem falar de professores, que são os mais massacrados e, conseqüentemente, os alunos são os que acabam pagando por isso. Por que se os professores são atingidos pelos problemas que afetam o país e não encontram fórmulas para que prossiga a educação, o aluno, cada vez mais, sabe e aprende menos. Tiba (1996, p.114) afirma que “O Brasil está em crise em praticamente todas as áreas. A educação é sem dúvida, uma das mais afetadas. Um país que não cuida da educação de seu povo está condenando seu futuro”.

Nesse clima de dificuldades existentes, temos ainda pessoas e políticos, ou grupo empresariais que fizeram da educação seu principal negócio, e que só pensam em ganhar dinheiro, e não se preocupam com a educação, ou com a real formação do aluno. Nas palavras de Tiba (1996) “muitas escolas transformam-se em empresas cujo objetivo principal é ganhar dinheiro”.

As escolas passaram a ser então, material de comércio, esquecendo da sua função pedagógica, a ser de educar e preparar os cidadãos para a sociedade.

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PODEM MELHORAR A QUESTÃO DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA.

Para poder dar conta de alguns contextos que envolvam indisciplina na vida cotidiana da escola, é preciso observar algumas atitudes de indisciplinas para encontrar alternativas pedagógicas de negociação com os conflitos. Não se trata de receitar formas que levem a essa negociação, mesmo porque não existe plano algum que solucione o problema da indisciplina de modo a eliminá-la por completo. O conflito está sempre presente, o que obriga a trabalhar, a cada momento, com

todas as turbulências do dia a dia, localizando formas através das quais elas compõem em relação aos limites. Antes de tudo precisa-se acreditar que a paz não significa ausência de todo conflito (GUIMARÃES, 1998).

Como não existe uma fórmula que elimine por completo o problema da indisciplina nas escolas, buscamos em autores diversos, algumas atitudes que contribuem para que a mesma seja amenizada e a aplicação das mesmas, dependerá de cada situação encontrada.(GUIMARÃES, 1998, p.4)

Uma das atitudes que contribuem para a disciplina em uma sala de aula, é sem dúvida, a pontualidade do professor, porque dá aos alunos a ideia de organização. Essa atitude leva todos a estarem em sala de aula na hora prevista para início da mesma, evitando algazaras e empurrões nos corredores, impedindo assim que os alunos fiquem alvoroçados antes mesmo da aula iniciar, além de impedir conflito com alunos de outras classes.

Não há fator mais detonante para início da indisciplina que a chegada em aula de um professor que a turma estava pensando que nem vinha mais. Quando os alunos se habituem com o atraso do professor, com as faltas do mestre, a espera por sua aula é sempre a espera da conversa, bagunça, festa, alegria (ANTUNES, 2002, p. 24).

Um outro fator da indisciplina é ocasionado por conteúdos mau preparados, que nada tem a ver com o que já foi ministrado, sem nenhuma ligação no que já foi aprendido, e com isso, totalmente perdido. Para prender a atenção dos alunos, os conteúdos devem ser preparados contendo uma certa sequência, que vise o aprendizado como um todo, sendo assim mais coerente, e por isso, pode motivar mais os alunos envolvidos com o assunto tratado, diminuindo a indisciplina.

... se a aula é apenas um discurso mal posicionado, nada contextualizado, a indisciplina é inevitável. Experimente gravar uma cena interessante de novela, cortar pedaços e juntá-las ao acaso, exiba o filme assim remontado e veja se é possível existir interesse? Interesse nasce da coerência e a coerência envolve a estrutura da aula, com seus passos claros, suas exigências nítidas (ANTUNES, 2002, p. 25).

Outro fator da estruturação da aula que prejudica a disciplina é o fato de tratar salas diferentes de maneiras iguais, como por exemplo, tratar a sala de aula de adolescente, como se fosse sala de aula de crianças, ou vice versa, crianças têm o professor como ídolo, e por esse motivo, querem que o mesmo fique ensinando, falando junto com eles, e pegam aquilo como a coisa mais certa do mundo, porque pensam que o professor tudo sabe não erra nunca. As aulas para esses alunos devem ser preparadas para corresponder a essas expectativas. Já alunos adolescentes, não tem mais o professor como ídolo, e apenas como um guia para o aprendizado. As aulas então devem ser preparadas mais para trabalhos de pesquisas, trabalhos em grupos, e o professor apenas fechando a discussão em torno do assunto com esclarecimento e dúvidas geradas na discussão.

Tratando crianças e adolescentes da mesma maneira, estamos sendo inadequados. A capacitação e o ser no mundo da criança e do adolescente são totalmente distintos. A escola também os uniformiza, utilizando para ambos o mesmo sistema de ensino. Todos sentam nas mesmas carteiras, com o professor no centro da sala, em frente a um quadro negro. O ensino não muda do fundamental ao superior (TIBA, 1998, p. 152).

Uma atitude que contribui para a indisciplina é pensar que todos os alunos sabem os limites, o que pode e o que não pode ser feito durante uma aula, ou no ambiente escolar. Para isso, tem que ter a coragem de ensinar a todos, e nunca ficar esperando que eles descubram por conta própria. Como pode-se julgar as atitudes de um aluno sem esclarecer para ele o que é permitido? Por esse motivo, conseguimos amenizar os problemas indisciplinares, somente estabelecendo regras e limites, e tornando o conhecimento de todos, de maneira que ninguém possa dizer que não os conhece. Ao deixar espaço para a dúvida, os alunos podem entender como desafio, e por isso, tentam fazer para ver no que vai dar. Sabe-se que jovens e crianças adoram testar seus limites, e o fazem também na escola. Eles querem saber até onde conseguem ir sem serem castigados, e ainda, como conseguem cometer o mesmo ato indisciplinar do colega e ficar sem punição.

Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda: mas não ensina e não educa quem não define limites. Quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido. O professor jamais pode acreditar nessa bobagem de que cada aluno já sabe o que pode e o que não pode fazer (ANTUNES, 2002, p. 25).

A relação professor-aluno deve ser de bons vínculos cotidianos, o professor deve ser amigável na maneira que se posiciona diante dos alunos, ambos precisam ser parceiros nesse jogo. O ensinar é prazeroso, pois consiste em dividir os saberes entre professor e aluno. Se essa relação entre esses dois indivíduos não for boa, ambos não se suportarão, gerando insatisfação de ambas as partes, e conseqüentemente indisciplina.

A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, no nosso vínculo cotidiano e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar do professor é imediatamente relativo ao do aluno, e vice versa (AQUINO, 1998, p. 8)

Sabe-se que é muito difícil para quem tem muitas turmas conhecer todos os alunos. Porém o importante é não confundir os acontecimentos e os seus nomes. É importante organizar fichas-inventários, sempre que possível pedir-lhes que por escrito dêem suas opiniões sobre a aula ministrada. Não importa qual seja a disciplina ministrada, não se deve esquecer que é sempre mais fácil conversar sobre indisciplina, com pessoas que se conhecem. (Antunes, 2002).

O aluno precisa de motivação, e é geralmente esta, a maior aliada para o sucesso da disciplina escolar e do aprendizado. O aluno que está motivado quer acumular sabedoria, é bem diferente daquele aluno que quer tirar uma nota mínima para ser aprovado na disciplina. Os professores devem trabalhar com motivação, sempre falando do sucesso profissional, que quanto mais ele obtiver conhecimento, mais sucesso futuramente ele terá.

Tiba (1996) afirma que “os melhores alunos são os que têm interesse, porque a sabedoria (o acúmulo de conhecimentos) é um valor desde cedo muito bem considerado na sua educação familiar”.

A motivação dos alunos deve ser também em relação aos conteúdos que para eles devem ter significado e serem compreensíveis, o aluno deve saber o porquê de estar estudando tal conteúdo, em que esse conteúdo vai lhe ajudar na vida pessoal ou escolar. Só assim ele irá se interessar pelo assunto e conseqüentemente evitar a indisciplina.

A motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de indisciplina (LIBÂNEO, 1991, p. 253).

Verdadeiramente, a motivação é muito importante em relação à disciplina visto que todos os autores aqui considerados, apresentam a motivação como fator essencial, pois de acordo com a motivação de cada um, varia seu comportamento, participação, atitude, e, a disciplina nada mais é do que comportamento, participação, envolvimento com os trabalhos e conscientização sobre a importância dos conteúdos.

O aluno em algumas situações precisa ouvir um NÃO, e também da palavra firme do professor, pois às vezes na própria família, essa palavra é fragilizada. E no campo da disciplina, todos querem segurança. A tolerância é de suma importância, mas regras são regras, e para um bom árbitro, não existem partidas fáceis ou difíceis, pois as normas valem para sempre e é importante o professor com serenidade lembrá-las sempre que possível (ANTUNES, 2002)

Não se pode esquecer, que a forma com que essa regra vai ser estabelecida, deve ter base em princípios democráticos. E, que se essa regra for imposta autoritariamente, o aluno, pode não se sentir obrigado a cumpri-la. Mas, se ao contrário, o professor souber utilizar democraticamente a sua autoridade, ele pode levar o aluno a sentir a importância do respeito e não a mera obediência às regras.

Outro aspecto relevante a ser observado é a forma com que foi estabelecida: se imposta coercitivamente, ou estabelecida com base em princípios democráticos. Se impostas autoritariamente, o sujeito pode não se sentir obrigado a cumpri-la, e a indisciplina pode ser um protesto em relação à autoridade (ARAÚJO, 2000, p. 23).

E importante que o grupo que está sendo trabalhado tenha um contrato pedagógico, elaborado no primeiro dia de aula, e colocado em exposição para que todos o vejam todo o tempo. Nesse contrato, que deve ser elaborado pelo conjunto aluno-professor, devem ser colocadas as regras explícitas para o comportamento dos alunos e também do professor, e deve ser seguido por todos os envolvidos. As regras podem ser elaboradas pelo próprio grupo, as penalidades a serem aplicadas em caso de quebra de contrato. O professor deve ser entendido como participante do processo disciplinar, e não alheio ao mesmo, devendo exercer seu papel de mediador do processo, e não de juiz.

...é evidente que o professor também necessita ter instrumentos metodológicos para poder exercer esse papel ativo, para cobrar coerência e reciprocidade na ação de seus alunos, o que é possível. Para que isso aconteça, é necessário que as regras verdadeiramente sejam estabelecidas pelo grupo, compreendendo que o professor é parte integrante e não externa a este, e tem autoridade inerente que lhe é atribuída por seu papel ... (ARAÚJO, 2000, p. 24).

A escola deve propor atividades que levem o aluno a pensar sobre sua conduta, seus princípios. Ou seja, precisa despertar a reflexão nos alunos, pois acredita-se que as pessoas não nascem boas ou ruins. A escola tem muita influência, não se pode esquecer que através das regras, que são transmitidas pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, que o aluno pode mudar de comportamento. No entanto, essas regras devem ser cumpridas não por medo da punição e sim pela moral, pela conduta que foi passada a esses alunos.

A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de instrumentalizar para a realização de seus projetos, por isso a qualidade do ensino é condição necessária à formação moral de seu aluno. Se não promove um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida e, decorrentemente, a que vejam seus projetos de vida frustrados (BRASIL. MEC, 2001, p. 79).

Se a escola ensinar valores morais, valores de conduta sempre relacionando com a imagem positiva dos alunos, a mesma com certeza conseguirá agir conforme as regras, diminuindo assim, a indisciplina.

A escola seria muito melhor se nela, todos descobrissem a alegria de ser, o entusiasmo de viver. Quando se elogia uma pessoa, ela sente que pode ainda fazer melhor, pois ela além de se sentir bem, vai querer que as pessoas que a elogiaram fiquem ainda mais orgulhosas dela portanto irá fazer melhor, ter um comportamento mais surpreendente. Mas infelizmente percebe-se que existem mais olhos para criticar a carência do que valorizar a qualidade. O professor deve ser um investigador de seus alunos e para isso deve descobrir as qualidades, instigar talentos. E muitos talentos estão naquelas carinhas de carinho.

Descubra o lado bom do aluno e elogie com moderação. Coloque uma lente de aumento em seus acertos e descubra o que ninguém vê. Tantas vezes vimos em crianças com terríveis limitações motoras e linguísticas a beleza inevitável de uma inteligência espacial ou sonora irradiante (ANTUNES, 2002, p. 32).

Algumas mudanças acontecem através de elogios, de palavras que realmente aumentam o ego das pessoas, palavras estas que são verdadeiras e não como muitas pessoas pensam e agem, quando comparam os alunos, dizendo que o outro ou os alunos da outra sala sim são caprichosos, estudiosos e os tratam diferentes das demais. Comparar classes é antiético, só cria ainda mais revolta e indisciplina.

Quando as pessoas se sentem valorizadas e capazes, fica fácil realizar mudanças. As transformações ocorrem quando as pessoas se sentem bem a respeito de si mesmas. Quando se elogia alguém, além de mostrar suas virtudes, a própria pessoa que elogia está revelando quanto é bondosa (SHINYASHIRI, 1992, p. 69).

Deve-se entender, que apenas uma dessas atitudes sozinhas, nenhum efeito surtiria. O sucesso só será obtido, com a aplicação, com bom senso, de um conjunto de atitudes, pois somente assim, pode-se conseguir coibir a indisciplina em sala de aula e na escola. Sugeriu-se que o professor faça um estudo de suas turmas, e saiba com que tipo de alunos estão trabalhando. Após essa análise, verifique as técnicas

mais corretas a serem aplicadas, coloque-as em prática e tente manter, o mais rápido possível, um clima de harmonia para que o aprendizado aconteça. Sabe-se que as pessoas são eternos aprendizes, e que no caso do professor quanto mais ele estuda, mais seus alunos aprendem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica. Portanto este estudo buscou informações em documentos impressos e em sites, tais como livros, artigos e tese. Com o intuito de entender sobre os problemas que envolvem o tema, com base em outros autores, para em um primeiro momento, ofertar com este estudo momentos de reflexão e crítica, e, posterior, transformação.

Para CERVO e BERVIAN (2002), pesquisa é uma atividade que visa solucionar problemas teóricos ou práticos, em pregando os processos científicos. A pesquisa parte de uma dúvida ou problema e juntamente com o processo científico.

Este trabalho esta dividido em revisão de literatura, metodologia e resultados e discussões.

A revisão de literatura desta pesquisa teve como objetivo mostrar pensamentos de autores, que fazem críticas a indisciplina no ambiente escolar e enfocam possíveis contribuições de educadores para a superação dessa problemática, trazendo sugestões para minimizá-la, o tema foi abordado em diferentes momentos.

No primeiro momento conceituou-se disciplina e indisciplina, bem como suas relações com a aprendizagem; no segundo buscou-se compreender melhor as causas de tanta indisciplina e sua importância para o processo de ensino; no terceiro momento buscou-se reunir as propostas dos estudiosos para amenizar e entender essa questão que desestrutura a educação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A indisciplina no cotidiano escolar é um dos principais fatores que comprometem o ensino e aprendizagem dos alunos, nos últimos tempos percebe-se que ela vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família consegue encontrar soluções para esse problema.

Os autores aqui mencionados consideram a disciplina como fator indispensável para o ensino e aprendizagem. Não se pode imaginar uma sociedade sem disciplina, sem normas claras e sem objetivos comuns. Certamente não conseguiria viver harmonicamente em sociedade, se não houvesse entendimento entre as pessoas. Essa base de sociedade organizada, aprendem na escola, onde são repassadas as regras explícitas, de como viver harmonicamente não só na escola, mas na sociedade de um modo geral.

Para amenizar a indisciplina no ambiente escolar, deve-se observar os motivos que levam a esse comportamento. Algumas escolas e profissionais da educação relacionam as manifestações de indisciplinas, com a “postura do aluno”, esquecendo que muitos comportamentos indisciplinados dos alunos são relacionados a problemas do sistema de ensino e a organização escolar. Um desses fatores é o professor que entra na sala de aula, sem ter planejado as atividades que serão trabalhadas, desmotivado ou muitas vezes atrasado, comprometendo a aprendizagem dos seus alunos e levando com que os mesmos tenham comportamentos indisciplinados.

Dessa forma, fica evidente que para o professor ter uma boa disciplina em sala de aula, ele precisa planejar suas aulas, motivar seus alunos e ser pontual com seus horários.

Outro fator importante são as regras escolares, essas regras muitas vezes são impostas aos alunos, porém não estão explícitas, a medida que a escola exige do aluno respeito e cumprimento das normas, para o bom desempenho, ela precisa deixar claras suas regras e os motivos pelos quais os alunos devem segui-las, prevalecendo o diálogo e a democracia.

A escola deve propor a participação de atividades que levem os alunos a refletir sobre sua conduta, seus princípios, ensinando valores morais, valores de conduta sempre relacionando com a imagem positiva do aluno. O professor precisa

motivar os educandos com elogios, incentivá-los a buscar o conhecimento e ser amigável com os alunos.

Com este trabalho, pode-se concluir que os profissionais da educação devem repensar suas práticas pedagógicas e mediação do conhecimento, e além do domínio de conteúdo precisam contribuir para a formação moral dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desse trabalho, pôde-se deparar com situações jamais imaginadas, que levam a pensar e, em alguns casos, mudar a maneira de ver o problema da indisciplina. As pessoas são diferentes e, portanto, não podem ser tratadas de maneira igual, o que dificulta as soluções do problema. Tratar os problemas dos alunos e professores da mesma maneira, não obteria nenhum sucesso, e a indisciplina nas escolas, continuaria sendo um eterno problema sem solução.

Com este trabalho foi possível perceber o quanto é importante a postura do professor em sala de aula, e como ele pode influenciar a formação acadêmica do aluno, portanto a escola deve ser um espaço democrático, humanizado contendo diálogo e afetividade, realizando assim um trabalho com responsabilidade.

Pode-se também refletir sobre os problemas enfrentados em sala de aula, e entender que é fundamental continuar a aperfeiçoar, principalmente, em busca de entender melhor as pessoas, pois as pessoas são as chaves de todo o processo. Compreende-se que os professores só obtêm sucesso, quando sabem bem mais do que ensinam, pois assim os alunos aprendem bem mais do que a matéria curricular que lhes é passada.

O trabalho desenvolvido não tem todas as respostas para a questão da indisciplina, mas contribui para um estudo sobre o assunto, e sua finalidade é mostrar algumas soluções possíveis.

A indisciplina é algo que todos os educadores temem em uma sala de aula, mas como próprio Tiba (1998) diz: “o monstro da liberdade não é tão feio assim, se

olharmos para ele com delicadeza, sabedoria e, sobretudo, conhecendo os limites que devem ser impostos”.

REFERÊNCIAS

- ACQUAVIVA, M.C. **Vademecum da legislação pátria**. 4. ed. São Paulo: Jurídica Brasileira, 2003.
- ALENCAR, C. et al. **Brasil vivo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- ANTUNES, C. **Professor bonzinho = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- AQUINO, J.G. **A indisciplina e a escola atual**. Disponível em: < <http://www.scielo.com.br>> Acesso em: 16/07/12.
- ARIES, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- BENTON, W. **Enciclopédia barsa**. 4. ed. São Paulo: 1972.
- BRASIL.MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDU, V.M. **Rumo a uma nova didática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- CARVALHO, M.C.M. **Trabalhos científicos**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1989.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CONTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DO BRAIL**. 6. ed. Seção I da Educação, art. 205, 1990.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 27. ed. Rio de Janeiro: vozes, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRACIA, J. **Pais e filhos**: aprendendo e crescer juntos – disciplina, afetividade e limites. Disponível em <<http://www.lorencocastanho.com.br>> Acesso em: 24/08/12.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, A. M. **Escola**: espaço de violência e indisciplina. Disponível em: <<http://www.olhofeunicamp.com.br>> Acesso em: 16/07/12.
- KRUPPA, S. M. P. **Sociologia da educação**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- LA TAILLE, Y. **Autoridade e limite**. Jornal da escola da vila. São Paulo: 1994.

LIBÃNEO, J.C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez,1991.

NAUFAL, M.A.A.S. **Amando e transformando**. 1. ed. São Paulo: Parios, 1989.

REGO, T.C.R. **A indisciplina e o processo educativo**: uma análise na perspectiva vygotskyana. In: AQUINO,J.G. (org.). *Indisciplina na escola*. 11ª Ed. São Paulo: Summus,1996,p.83 et seq.

SHINYASHIKI, R. **Pais e filhos**: companheiros de viagem. 54. ed. São Paulo: Gente,1992.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. 3. ed. São Paulo: Gente, 1998.

TIBA, I. **Disciplina**: limite na medida certa. 23. ed. São Paulo. Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C.S. *Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula*. Libertad – Centro de Formação e Assessoria Pedagógica. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.